

## TRADUÇÃO

---

### INTRODUÇÃO: A QUESTÃO COLONIAL REVISITADA

**Paula Montero**

O leitor poderá, com razão, se perguntar qual o sentido de publicarmos numa revista como *Cadernos de Campo* – que pretende veicular o que há de mais recente na pesquisa antropológica contemporânea – a tradução de um texto tão antigo, cuja força e lucidez talvez tenha perdido o brilho ao longo de seus 40 anos, ou talvez, cuja atualidade não tenha resistido à conjuntura histórica tão específica no qual foi produzido, ou seja, a descolonização africana dos anos cinquenta. Mas eu perguntaria de volta ao leitor: por que um texto como este, que de maneira mais ou menos explícita marcou aqueles que, como Roberto Cardoso de Oliveira, se ocuparam com o problema do contato entre culturas, por que, repito, este ensaio quase clássico da literatura africanista, nunca foi traduzido no Brasil e tão pouco foi lido?

Dentre as várias razões que podem ter levado a esse relativo esquecimento, o fato de que ele tenha sido escrito num contexto de crítica ao colonialismo e às marcas por ele deixadas nas etnografias africanas, não o tornava de maneira clara e imediata um interlocutor próximo aos estudiosos brasileiros. Isto porque, quando nos referimos à “situação colonial” no Brasil, imediatamente nos vêm a imagem de um momento já superado de nosso passado e, em contraste com a história recente africana, frequentemente violenta e traumática, tendemos irrefletidamente a considerá-lo uma etapa bem resolvida de nossa história. No entanto, se o Brasil-colônia pertence ao passado, existe até hoje, pelo menos um espaço da

vida social em que esse problema não está, com toda evidência resolvido: o campo das relações étnicas, em particular das relações entre brancos e índios. Se a questão de negros e índios preocupa nossos pensadores sociais desde o século XIX, não há dúvida que a aceleração da expansão, nos anos 50, do desenvolvimento brasileiro para as regiões habitadas por culturas indígenas, colocou-nos de maneira mais aguda, problemas muito semelhantes àqueles que o colonialismo impusera às culturas africanas. Não foi portanto, uma mera coincidência que autores como Roberto Cardoso de Oliveira tivessem, na década de 60, tomado emprestado o conceito de “colonialismo” – agora retrabalhado em termos de “colonialismo interno”, o que evidentemente lhe altera o sentido – para abordar o problema do contato.<sup>1</sup> É certo que a noção de “colonialismo interno”, cuja genealogia remonta, segundo Cardoso, a autores como Gunnar Myrdal e Wright Mills, teve grande impacto na América Latina, sobretudo na década de 60. Ainda assim, até onde posso ver, a expressão cunhada por Balandier – “a situação colonial” e sobretudo seu modo de aproximação ao problema não teve muitos seguidores.

Mas o ensaio que apresentamos ao leitor neste volume, não interessa apenas àqueles que se ocuparam do estudo das sociedades indígenas. A efervescência da questão

---

1. Ver seu artigo “A noção de colonialismo interno na Etnologia”. *Tempo Brasileiro*, ano 4, nº 8, 1966 e também “O movimento dos Conceitos na Antropologia”. *Revista de Antropologia*, nº 36, 1993.

étnica no mundo contemporâneo, as mutações do nacionalismo e sobretudo o surgimento de um novo tipo de racismo fundado na diversidade cultural, coloca a questão das relações inter-culturais na agenda da nossa reflexão. E nesse sentido, o texto de Balandier é imprescindível. Ele mapeia com precisão os problemas e, mais do que isso, propõe abordagens e procedimentos analíticos. Parece-me que vale a pena pontuar aqui, sucintamente, a sua contribuição.

Na leitura que faço deste trabalho, suas contribuições teóricas mais gerais podem ser agrupadas em duas grandes linhas. Em primeiro lugar, trata-se de uma revisão bibliográfica bastante exaustiva – da psicologia à antropologia, passando, rapidamente, pela história – que procura fazer um balanço crítico das abordagens do fato colonial. Nessa revisão o autor explicita os limites teóricos e empíricos da antropologia inglesa clássica que, a partir de Malinowski, se ocupou do problema do contato entre culturas. Segundo Balandier, a noção “situação de contato” cunhada por Malinowski tem um valor operatório medíocre já que apaga da análise a referência à colônia e, em consequência, retira o reconhecimento do conflito do campo das relações entre as culturas. Além disso, o autor critica a análise malinowskiana do contato por ser reducionista na medida em que supõe que este se estabelece apenas entre instituições do mesmo tipo. Ora, para Balandier o contato se dá no interior de uma realidade mais global que ele chamou de “situação colonial”. E isto nos leva à outra grande contribuição teórica deste estudo. A abordagem antropológica a que se propõe, permite por um lado, retirar a análise do fato colonial da chave de uma leitura economicista – que o formaliza enquanto relação de exploração entre colonizadores e colonizados-, e a libera por outro, de uma interpretação reducionista que vê o discurso colonial como uma ideologia mistificadora a serviço da dominação. A noção de “situação colonial” exige do

antropólogo que não pense mais as culturas enquanto formas e sistemas atemporais. As configurações culturais se realizam sempre de modo particular e em função de conjunturas específicas. E se isso é verdade, a compreensão do modo como se realizam os diferentes agenciamentos no interior\* de uma cultura dada, passa a ser o foco central da análise do contato.

O que é interessante observar a respeito das contribuições deste trabalho é que suas escolhas teóricas acabam por revelar ao olhar antropológico uma realidade cultural dos povos colonizados muito distinta daquela que os antropólogos dos anos 30 e 40 haviam idealizado; pervadem suas análises uma ilusão de coesão, homogeneidade cultural e resistência que muitos dos que estudam as relações entre culturas diversas, em sua boa consciência, reiteram e mantêm até hoje. Vejamos pois, com mais detalhe, como esse texto nos interpela nesse sentido.

O primeiro ponto a ressaltar seria o fato que ao abordar o fato colonial como uma conjuntura particular que impõe aos agentes uma certa “escolha cultural” sua análise obriga a uma relativização da noção de tradição. Pensar o contato entre culturas tendo como referência a cultura “tradicional” leva o antropólogo a enfatizar em sua análise as perturbações que a cultura moderna traz para a primeira. Mas se, ao contrário, a sociedade colonial e colonizada formam um sistema, como quer Balandier, sistema este que cria uma sociedade nova, então será preciso levar em conta a reciprocidade de perspectivas entre os grupos, o modo como uns e outros tiram partido (ou não) da situação, e ainda que novos modos de agrupamento esse novo arranjo faz emergir.

O segundo ponto que me parece importante enfatizar, diz respeito à polaridade colonizador/colonizado. Neste trabalho, o autor nos propõe uma análise que supera definitivamente o dualismo reducionista que coloca de um lado os dominantes e de outro os dominados. Ele

nos mostra bem como as colônias são sociedades plurais: os “colonizados” tem suas facções ou clãs mais ou menos rivais que desenvolvem sua própria política nativa manipulando em seu benefício as regras do jogo colonial; os “colonizadores” são desigualmente distantes dos nativos: alguns grupos, em função da posição que ocupam no sistema colonial, mantêm relações estreitas com os autóctones, enquanto outros, desenvolvem complexos sistemas de segregação e distanciamento.

Finalmente, me parece interessante o modo como a dimensão da cultura se torna a peça chave a partir da qual o fato colonial se revela. E isso de diversas maneiras. A dominação colonial não é apenas um fato de governo; ela depende de estruturas administrativas certamente, mas também de ideologias justificadoras, de estereótipos sociais aptas a manter as distâncias sociais e os privilégios à elas associados. Mas por outro lado, as doutrinas coloniais e os modos de vida que elas engendram, permanecem enraizados na cultura africana, como algo própria dela, mesmo depois do fim da dominação colonial.

Há ainda outra dimensão cultural importante a ser levada em conta na análise: os diversos grupos reagem de maneira heterogênea à mesma condição colonial, tornando-se mais ou menos cúmplices dela. Assim é preciso compreender os mecanismos pelos quais as divisões étnicas e espirituais entram no jogo político. É somente neste sentido que a compreensão da cultura “tradicional” adquire sua verdadeira importância. Não se trata mais de “salvá-la” na sua “pureza” mas, ao contrário, perceber os dramas e conflitos que estavam na base da própria sociedade tradicional e que a situação de crise a que o colonialismo a condena, permite revelar em toda sua fragilidade interna.

Vemos pois que a abordagem que Balandier propõe do encontro cultural está longe de ser simplificadora. Talvez ele não tenha alcançado ainda, neste trabalho, uma verda-

deira síntese que pudesse fazer convergir as diversas contribuições que ele enumera. É certo também que a questão colonial enquanto tal, perdeu sua atualidade, ou pelo menos não pode mais ser colocada nos mesmos termos em que a questão se punha há 40 anos. No entanto, é espantoso observar que o balanço crítico que os autores auto-proclamados pós-modernistas fazem da antropologia em nenhum momento se refere à este ensaio que, no meu entender, inaugura um modo inteiramente original de observar os povos colonizados. Por outro lado, a conjuntura do mundo contemporâneo nesta última década, marcada pela explosão de nacionalismos étnicos, torna este texto estranhamente atual. Era exatamente para a emergência desse tipo de nacionalismo que Balandier chamava a atenção, como um desafio que se impunha aos estudiosos das culturas africanas. Quase meio século de mudanças culturais transcorreu. Tal como uma daquelas peças que a História gosta de pregar naqueles que se pensam ingenuamente seu protagonistas, o problema se repõe, agora em escala mundial. Emergem novos racismos, criam-se novas estereótipos que justificam outras exclusões: embora colocada em novos termos, a questão do contato permanece. Talvez agora possamos finalmente aprender com Balandier que todo nacionalismo esconde uma heterogeneidade cultural que precisa ser bem compreendida. Os elementos disparatados que as sociedades agenciam de maneira aproximativa, convivem de modo mais ou menos contraditório, mais ou menos eficaz. Já sabemos que o antropólogo não tem mais o monopólio da explicação, Mas sua ambição deve ser ainda a de poder revelar os mecanismos mais profundos das culturas que, para Balandier, se revelam nas incompatibilidades, nas discordâncias, nos conflitos de interesse, nas diferentes estratégias adotadas, em todo mecanismo enfim que perturba a imagem tranquilizadora de uma sociedade estática. E somente então, teremos realizado plenamente o programa de trabalho proposto

*Cadernos de Campo*, nº 3, 1993.

por Balandier para a Antropologia: saber como as coisas são, como chegaram a ser o que são, como permanecem provisoriamente o que são,

e como, para sê-lo, vão deixando de ser o que são.